



Festival de Cinema: Parahyba causa controvérsia

## Festival mostra 1º filme controvertido

Hollywoodiano, cinema, omissão, superprodução, bem acabado, excelente: são apenas seis entre as inúmeras definições que o espectador encontrou, ontem, para classificar o filme de Tizuka Yamasaki, o **Parahyba, Mulher Macho**, apontado como uma das vedetes do XVI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

Um fato, porém, convergiu unanimemente as opiniões do público que lotou, ontem, o Cine Brasília: Tizuka Yamasaki, ao lado de Ana Carolina — a grande ausente de todos os festivais de cinema de Brasília — vem avançando e consolidando a participação da mulher no controvertido e masculino mercado do cinema brasileiro.

As opiniões sobre **Parahyba** são divergentes e controvertidas: há quem teça os maiores elogios e existem, por outro lado, aqueles que não poupam as críticas mais ácidas à Tizuka, que formou-se aqui no DF, na Universidade de Brasília (UnB). Para a atriz brasiliense Carme Moretzo, 23 anos e um nome conhecido nos meios teatrais da cidade, o filme de Tizuka é "um cinema".

— Gostei, entretanto, da caracterização da época e do desempenho de Tânia Alves: ela está ótima. Mas **Parahyba** é uma fita muito hollywoodiana. Mesmo assim, é gostoso de ver — afirmou a atriz.

O ator brasiliense José Henrique Rovir, 22 anos, que faz teatro, critica em **Parahyba** "a omissão his-

tórica da fita, em relação ao problema, à conjuntura internacional. Porém, eu o considero um filme que nos propõe uma abertura para temas históricos e isso é uma coisa perigosa, do ponto de vista dos políticos mais tradicionais".

Já a estudante Alice Fátima Martins, 21 anos, do curso de Educação Artística da UnB, e Paulo de Tarso, 30 anos, bacharel em Comunicação pela mesma universidade, o **Parahyba Mulher Macho** é "um filme ótimo". Alice diz que o filme tem "uma linguagem amadurecida", enquanto Paulo elogia, ainda, a trilha sonora, assinada por Paulo Moura.

**Parahyba Mulher Macho** se baseia nos acontecimentos políticos de 1930. O Brasil via os conflitos pré-revolucionários, onde o poder era a causa de discórdia entre políticos, militares, latifundiários e industriais. O Estado da Parahyba também estava dividido, entre os partidários da Aliança Liberal — Getúlio Vargas na cabeça — e os que queriam o Partido Republicano de Washington Luiz.

É neste cenário que uma mulher anônima, a professora primária Anayde Beiriz, "vivia uma outra revolução. Sua briga era bem diferente da dos homens: queria amar, expor seus pensamentos e ter o direito de escolher sua própria vida". No elenco: Tânia Alves, Cláudio Marzo, Walmor Chagas, José Dumont e Grande Otelo, entre outros.